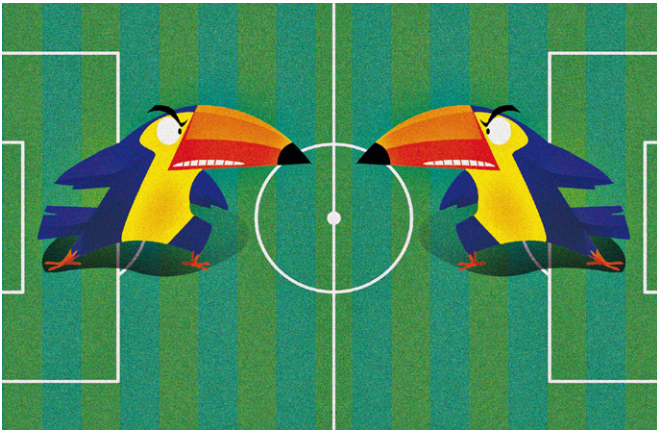


NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Traído por Garcia, situação de Doria é insustentável

Difundi-se no Ocidente que a palavra Weiji significa crise e oportunidade em chinês, simultaneamente. Essa tradução é atribuída ao linguista norte-americano Benjamin Zimmer, num editorial de um jornal em língua inglesa para missionários na China, de 1938. Ganhava popularidade após um discurso antológico de John F. Kennedy, em Indianápolis, no dia 12 de abril de 1959. Desde então, integra o vocabulário otimista de políticos, consultores, economistas e executivos. A crise do PSDB seria, assim, uma oportunidade de refundação.

O sinólogo Victor H. Mair, da Universidade da Pensilvânia, porém, lembra que essa interpretação não é absoluta: enquanto wei significa “perigo, perigosos; causar perigo, ameaçar; risco; precário, precipitado; alto; medo, pavor, receio”, ji pode ter outros significados, como “ocasião apropriada, ponto crucial, momento incipiente, segredo, ardil”. Esse é o ponto em que se encontra a crise do PSDB, cuja cúpula resolveu descartar a candidatura do ex-governador João Doria, mas ainda não sabe como fazê-lo por acordo.

O presidente do PSDB, Bruno Araújo, não construiu uma saída negociada para Doria e percorreu um roteiro que esgarçou demais as relações dentro do partido, em razão de manobras, dissimulações e traições. A prévia realizada para escolher o candidato do PSDB, na qual o ex-governador paulista foi vencedor, revelou-se muito mais um ardil para afastá-lo do Palácio dos Bandeirantes do que um processo de escolha democrática, como fora concebido na origem.

Doria venceu as eleições com apoio dos que hoje o estão defenestrando da candidatura, depois de alijar da disputa o ex-governador gaúcho Eduardo Leite, que pleiteava a vaga de candidato a presidente da República.

Pela primeira vez em sua história, o PSDB não se apresenta como alternativa de poder, abdica de propor os rumos do país. Os bastidores da reunião de terça-feira da cúpula do PSDB, para a qual Doria não foi chamado, nem de longe se parecem com os encontros liderados por Franco Montoro, José Richa, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Eutílcides Scalco, Jaime Santana e outros fundadores da legenda.

Muitas vezes, eram almoços ou jantares frugais, nos quais a experiência política de alguns e as ideias iluministas de outros teciam uma praxis política inovadora para os padrões brasileiros, em busca de um projeto social-democrata que se plasmasse à realidade nacional. Esse PSDB não existe mais, está se acabando melancolicamente.

Naqueles encontros, os interesses do país, a lealdade e o compromisso entre seus líderes eram mais importantes do que as eventuais divergências sobre como levar adiante as ideias comuns. Hoje, o que está acontecendo não é a falta de consenso — é a falta de projeto mesmo. A transa política passou a ser o modus operandi do PSDB no Congresso.

Sua bancada mergulhou de cabeça no orçamento secreto do Centrão e está mais preocupada em aumentar a fatia no fundo eleitoral do que em construir uma alternativa de poder, que se contraponha ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao presidente Jair Bolsonaro, que hoje polarizam as eleições.

Falta combinar

No domingo passado, Rodrigo Garcia sugeriu a Doria que desistisse da candidatura e lhe comunicou que faria campanha em São Paulo sem sua companhia. Foi um xeque-mate na candidatura. Uma conversa como essa seria inimaginável entre Mario Covas e Geraldo Alckmin ou José Serra e Alberto Goldman, por exemplo.

Garcia é uma invenção de Doria, que cometeu o grave erro de terceirizar a política como governador e cuidar apenas da gestão administrativa e financeira de São Paulo, uma das causas de sua rejeição e da falta de apoio político.

Quando Doria descobriu que estava sendo sabotado pelo vice e ameaçou concorrer à reeleição, permanecendo no Palácio dos Bandeirantes, era tarde demais. Levou um ultimato dos aliados de Garcia, que ameaçaram até destituir-lo do cargo com um impeachment. Nunca houve um precedente desta ordem na política paulista. Agora, não existe a menor possibilidade de Doria manter sua candidatura, sem apoio de Garcia, que ocupa o vértice do sistema de poder interno do PSDB pela força do cargo.

Bruno Araújo é um operador político do governador paulista. Ontem, na reunião com os presidentes do Cidadania, Roberto Freire, e do PMDB, Baleia Rossi, desligou os aparelhos e decretou a morte cerebral do Doria candidato. Antes, bloqueou os recursos da pré-campanha e decidiu cobrar os R\$ 12 milhões do fundo partidário que já foram gastos pelo ex-governador paulista para se movimentar e estruturar a pré-campanha.

Garcia também comunicou aos aliados que está fora da campanha de Doria, cujo apoio, agora, se restringe aos empresários amigos e a poucos deputados leais. O consenso secreto a que chegaram os protagonistas da candidatura única, que será submetido às direções partidárias e foi anunciado ontem, é um segredo de polichinelo: a pesquisa quantitativa e qualitativa feita sob encomenda para demover Doria apontou a senadora Simone Tebet (MDB-MS) como a candidata mais competitiva de centro, por ter menos rejeição e ser menos conhecida. Só falta combinar com os eleitores.

PODER

Sob o signo das eleições

Políticos, como Alckmin, artistas e celebridades presenciaram união de Lula e Janja

O pré-candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, e a socióloga Rosângela Silva, a Janja, se casaram, ontem, numa casa de festas no Brooklin, em São Paulo. Mais do que a música para a celebração das bodas, o que chamou a atenção foi o coro entoado pelos convidados — “Olê, olá, Lula lá” —, que ficou mais forte depois que dom Angélico Bernardino celebrou a união do casal.

Lula chegou para a cerimônia por volta das 18h30, mas não ficou incomodado com um pequeno grupo bolsonarista que gritava “Lula ladrão” e “Fora Lula” ao desembarcar. Na sequência,

ouviu-se um “Fora, Bolsonaro”. As equipes da Polícia Militar que faziam a segurança da casa de festas apenas observaram.

Um dos primeiros a chegar foi o pré-candidato a vice na chapa de Lula, o ex-governador Geraldo Alckmin. Em seguida, quase juntos, apareceram a ex-presidente Dilma Rousseff, o ex-governador do Maranhão Flávio Dino, o pré-candidato do PT ao governo paulista Fernando Haddad e o ex-senador Lindbergh Farias.

Além dos políticos aliados de Lula, a deputada federal Benedita da Silva (RJ) compareceu acompanhada do marido, o ator Antonio Pitanga. Os governadores

Paulo Câmara (PE), Rui Costa (BA) e Fátima Bezerra (RN) também marcaram presença.

Alguns dos convidados postaram no Twitter a preparação para a festa. Como o pré-candidato do PSB ao governo do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, com a mulher, a roteirista Antonia Pellegrino, e o advogado Augusto de Arruda Botelho e a mulher.

Também marcaram presença o humorista Paulo Vieira, o ex-BBB Gil do Vigor, o compositor e imortal Gilberto Gil — com a filha e chef Bela Gil e o marido dela, João Paulo Demasi —, além das cantoras Daniela Mercury, Tereza Cristina e Duda Beat.

Ricardo Stuckert



Janja pronta para o casamento: festa política em São Paulo



O ABRIGO DA FAMÍLIA

103 Noroeste
2 e 3 Quartos



2º Ofício R9-131462

RESIDENCIAL CLOVIS JACY BURMANN - SQNW 103 BLOCO I

PRONTO PARA MORAR
VISITE O DECORADO

2 E 3 QTOS
85 e 123 m²
2 vagas de garagem

DUPLEX
172 e 247 m²
3 vagas de garagem



ÁREAS COMUNS

Entregues equipadas e decoradas

QUALIDADES

Espaços bem distribuídos
Lazer completo
Elevadores até a cobertura

VANTAGENS

Excelentes condições de pagamento



Paulo Octavio

3326.2222

www.paulooctavio.com.br

VISITE NOSSAS CENTRAIS DE VENDAS

208/209 NORTE
(Eixinho, ao lado do McDonald's)

NOROESTE
(CLNW 2/3)

GUARÁ II
(QI 33 Lote 2)